

SVEVA CASATI MODIGNANI

O DIABO E A GEMADA

Tradução de Regina Valente

Índice

Preâmbulo	9
O Diabo e a gemada	11
Santo António e os croquetes de batata	19
O <i>cigutìn</i> e a omeleta com urtigas	28
A manteiga e o <i>segnùn</i>	34
A <i>omlètconfitü</i> e o clister	42
A taça de prata e a respiração da árvore	49
Aquele <i>brüt Demòni</i> e o tomate frito	56
A água das rãs e as beringelas <i>alla parmigiana</i>	62
O Diabo ladrão e a <i>cervèla</i>	68
O colar de alho e o almoço de Natal	75
As borboletas e as amígdalas	81
Vinte valores e os ovos com espargos	89
O Diabo na bacia e o ovo fingido <i>in cereghino</i>	94

As receitas – O que se comia em tempo de guerra . .	101
Introdução	103
Os primeiros pratos	105
Os segundos pratos	121
Os doces	147
Índice das receitas	166

Preâmbulo

Esta história sobre a comida de outros tempos nasce de uma ideia de Stefano Peccatori, um querido amigo, a quem falei do que se cozinhava em minha casa quando era criança e estávamos em guerra. Muitos alimentos, tais como a farinha, o açúcar, o chá, o café, as carnes, os ovos e a manteiga, eram, muitas das vezes, impossíveis de encontrar. Quem se podia dar ao luxo de os adquirir comprava-os no mercado negro a preços exorbitantes. Quem vivia nas grandes cidades era obrigado a sair para se proteger dos bombardeamentos. Quem tinha um jardim transformava-o em «horta de guerra» e podia até criar galinhas e coelhos.

Em geral, a comida era péssima, porque no mercado apenas se encontravam sucedâneos de proveniência duvidosa – como a *ovolina* em vez dos ovos, a chicória, a farinha de sêmola –, que não se sabia o que continham, ou a manteiga feita com a gordura de animais. As mulheres desenvolviam toda a sua criatividade para apresentar pratos apetecíveis. Havia quem andasse atrás de passarinhos para os comer

com polenta. Os gatos tinham desaparecido porque quem encontrava um apanhava-o, matava-o e comia-o, tal era a fome.

E, apesar de tudo isto, para mim, que tinha nascido naquele período, era a normalidade. Quando a guerra acabou, senti-me privada de um elemento vital e perguntei ao meu pai: «Como é a paz?» e ele respondeu-me: «É como o pão branco que estás a comer agora. É uma coisa boa e vais gostar.»

Passaram muitos decénios desde então e eu não sei se estes episódios, que não seguem uma ordem temporal mas antes uma associação de recordações, correspondem plenamente à realidade. Mas estão nítidos na minha mente e marcaram a minha existência para o bem e para o mal.

O Diabo e a gemada

Apesar de ir à missa todos os domingos e de rezar as orações todas as noites, não sei se a minha avó acreditava em Deus, mas tenho a certeza de que acreditava no Diabo, o qual entrava com prepotência em todos os seus ataques de fúria, assumindo também os nomes de Berlicche, Satanás, Satanasso, Maligno e *brüt Demòni*.

No sótão da memória revejo-me como uma menina curiosa, introvertida, constantemente preocupada em agradar à minha família. Acho que não o conseguia, porque quer a minha mãe quer a minha avó me arrastaram muitas vezes até don Giuseppe, o pároco da Igreja de Santa Maria Rossa, para lhe pedirem que me abençoasse porque tinha o Diabo no corpo.

A imagem do Diabo vinha-me das histórias da minha avó, que o descrevia como um ser aterrador, vestido de vermelho, com cornos na testa, uma longa cauda bovina, o olhar maligno e irónico e um tridente na mão com que empurrava os condenados para as chamas do Inferno.

O meu pai contou-me que Satanás tinha sido um anjo do Senhor, o mais bonito e o mais inteligente, mas que tinha cometido o pecado da soberba e Deus tinha-o relegado «às profundezas do Inferno». Disse-me ainda: «Como todos os anjos, tem umas grandes asas mas, em vez de te proteger, quer o teu mal. Quando ouvires uma vozinha que te incita a fazer alguma coisa de errado, ficas a saber que é a voz dele e não a deves escutar.»

Eu gostava imenso daquela vozinha, porque normalmente estimulava-me a fazer coisas muito divertidas e, por muito que me esforçasse, nem sempre conseguia fazer-lhe frente. Como daquela vez em que a sua voz persuasiva me instigou a inventar um jogo pouco conveniente.

Naquela altura ainda não tinha 6 anos. Estávamos em Milão, a guerra aproximava-se do fim e, como um animal ferido de morte, agitava a cauda e atingia o mundo furiosamente. A minha avó descobriu que eu tinha feito uma coisa terrível e arrastou-me até ao padre.

Devia ser verão, porque eu me pavoneava num bonito vestidinho de *shantung* cor de laranja, com um cinto castanho que apertava com um laço nas costas. A minha avó trazia o habitual vestido azul com pintas brancas e, caminhando a passo largo sob o sol forte da manhã, com a sombrinha aberta para a proteger de um inconveniente bronzeado, imprimia à saia um som cadenciado e sedoso, musical como uma marcha alegre.

Fascinavam-me os olhos azul-claros daquele padre idoso, de traços aristocráticos, os paramentos ricos, com flores bordadas, que usava para as celebrações solenes, e a gestualidade

com que oferecia aos fiéis a hóstia consagrada, que eu não podia receber porque era ainda muito pequena.

Em casa também tínhamos hóstias que a minha avó comprava na farmácia. Humedecia-as, deitava por cima um pó digestivo, fechava a hóstia, enrolando-a, e engolia-a depois de ter comido a *casœula*¹ com couves.

Tendo-as encontrado num armário da cozinha, decidi imitar o pároco e celebrar o rito da comunhão com *Murciss* que, apesar de ser um gato agressivo, comigo era muito tolerante.

Levantei ao céu a hóstia do farmacêutico, que era muito maior do que a consagrada, e recitei num latim tortuoso: *Colpus triste, santadevigenetri*. Imitando don Giuseppe, tracei no ar o sinal da cruz e trinquiei a hóstia, deixando um pedaço para *Murciss*, que apreciou bastante.

– Não percebo... comprei um saco de hóstias na semana passada e quase já não há – espantou-se a minha avó, que tinha o costume de falar sozinha. Hoje surpreendo-me muitas vezes a fazer a mesma coisa e isso não me desagrada, porque este comportamento faz-me sentir que ela ainda está presente.

Porém naquela manhã de verão, ela descobriu onde tinham ido parar as hóstias.

– Sacrilégio! – gritou, corando de cólera. E definiu-me como uma *brüta vialba*.

Nessa altura eu não sabia, e provavelmente nem sequer a minha avó sabia, mas *vialba* era um insulto terrível. Tinha

¹ Prato de inverno típico da tradição popular e da cozinha lombarda à base de couves e carne de porco (pés, courato e outras partes menos nobres). (*N. da T.*)

origem no facto de em Milão, na via Alba, haver um sanatório em que eram internadas as mulheres afetadas pela tuberculose, e dizia-se então que esta doença atacava as prostitutas.

Enquanto gritava comigo, dava-me umas sapatadas no rabo com fúria. Por fim decretou:

– Tu tens o Diabo no corpo!

O pároco, enterrado numa poltrona, segurava entre as mãos o breviário e talvez estivesse a saborear antecipadamente a delícia de um almoço de coelho no forno, preparado pelas duas senhoras, suas parentes, que tomavam conta dele. Da cozinha, de facto, provinha o cheiro da comida que fervilhava lentamente no forno, impregnando a grande sala de estar. A sala estava mergulhada numa penumbra criada pelas persianas entreabertas, através das quais penetravam lâminas de sol que projetavam uma poeira dourada numa parede coberta de telas sacras, mas também profanas, da Escola Lombarda.

Don Giuseppe Roncoroni provinha de uma família abastada. O bom gosto e a elegância refletiam-se no seu aspeto e na casa mobilada com peças valiosas e tapetes soberbos. A entrada intempestiva da minha avó, que o intimava a expulsar o demónio que habitava dentro de mim, deve tê-lo irritado, porque olhou para ela de soslaio.

– Abençoe-me esta macaca, porque tem o Diabo no corpo. *El gà de savè, sciur prevòst...*² – começou por dizer, empurrando-me em direção a ele com um ar ameaçador.

² Tem de saber, senhor padre... (N. da T.)

– Aquilo que tenho de saber, a menina há de dizer-mo
– interrompeu-a, ao mesmo tempo que se levantava com dificuldade, e de má vontade, da poltrona. Depois, voltou-se para mim: – Vamos até ali.

Apoiando-se na bengala, avançou à minha frente até ao escritório e sentou-se num cadeirão, atrás de uma secretária monumental sobre a qual sobressaíam um crucifixo enfiado numa meia esfera de vidro azul-celeste e um telefone de baquelite preta que nunca tocava, porque os paroquianos, que dispunham daquela «moderna obra do Diabo», como a minha avó o definia, eram pouquíssimos.

Tirou uma estola de uma gaveta, beijou-a e colocou-a nos ombros. Emitiu um suspiro resignado, juntou as mãos em oração e deixou-me ficar ali, em pé, do outro lado da secretária. Depois, com uma voz quase impercetível, perguntou:

– O que foi que tramaste desta vez?

– Bah – respondi. A verdade é que não tinha assim muita vontade de confessar um facto cuja gravidade não compreendia.

Ele mantinha os olhos sempre fechados e eu pensei que tivesse adormecido. Porém, ao fim de algum tempo, disse:

– Não me faças perder a paciência a mim também.

Balouçando-me nas minhas pernas compridas e magras, revelei:

– Comi as hóstias da minha avó e dei também ao gato, fazendo de conta que eu era o padre e que estávamos na comunhão.

Don Giuseppe levou aos lábios as mãos juntas e pareceu-me que queria esconder um sorriso, mas não tinha a certeza, porque ele era uma pessoa imprevisível. Por exemplo, durante as missas do mês de maio, ao fim da tarde, quando eu e as outras crianças corríamos pela igreja, ele interrompia o rosário, descia do altar com uma agilidade insuspeitada e caía-nos em cima, distribuindo fortes sapatadas e sorrindo sempre como se nos estivesse a dar rebuçados. Depois regressava ao altar e continuava a rezar. Naquele momento deu um passo atrás, como se fosse agarrar na bengala para me atingir.

Mas não se mexeu, apenas perguntou:

– E depois?

– Depois apanhei muitas sapatadas no rabo – respondi, esperando que aquela conversa acabasse depressa.

Desta vez fiquei com a certeza de que tinha adormecido, porque a sua respiração se tornou pesada. Então gritei, fazendo-o dar um salto:

– A minha avó diz que eu tenho o Diabo no corpo. É verdade?

Ele arregalou os seus pequenos e lindíssimos olhos azul-claros, olhou para mim e gritou por sua vez:

– Tanta palermice!

– Agora vamos rezar ao anjo da guarda – acrescentou, num tom de voz mais doce. – Anjo da guarda, meu zeloso guardador... – começou a dizer, acompanhando-me. Depois deixou-me acabar a oração sozinha. Deu-me a bênção e entregou-me à minha avó.

– Era melhor inscrever a menina na catequese – ordenou-lhe num tom áspero.

– Mas se ela ainda nem anda na escola – objetou a minha avó.

– Então matricule-a na escola e depois vá ter com a professora para a abençoar, porque o Diabo não está nas crianças, mas nos adultos que veem o Mal em todo o lado – replicou, ao mesmo tempo que lhe indicava a porta com um gesto resolutivo.

– Havemos de a matricular na escola quando tiver idade, mas as plantas tortas têm de se endireitar enquanto são jovens – esclareceu a minha avó com uma voz cortante, decidida a ter a última palavra.

Quando chegámos à rua inundada de sol, perguntou-me:

– Deu-te a bênção ou não?

– Sim – disse eu.

Então sorri, satisfeita.

Regressámos a casa e, enquanto punha a mesa, prometeu-me:

– Hoje, ao lanche, vou fazer-te uma gemada.

A gemada era um dos muitos lanches de consolação que a minha avó me oferecia quando estava de boa maré. Preparava-a batendo um ovo com açúcar refinado até o transformar numa espuma volumosa e leve que depois tingia de um lindo vermelho cor de ameixa com a junção de meio copo de Barbera d’Asti Cascina Castlèt.

Os meus lanches variavam conforme as estações, o humor da minha mãe e da minha avó e a disponibilidade de

comida. Às vezes davam-me pão e uma maçã, ou pão e uma pera, mas também mirtilos ou morangos polvilhados com açúcar e regados com Amarone Bolla.